

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

**ELISANE MANN BRODA TAVARES**

**ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: UM  
OLHAR PARA OS MÉTODOS UTILIZADOS**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MEDIANEIRA**

2014

ELISANE MANN BRODA TAVARES



**ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: UM  
OLHAR PARA OS MÉTODOS UTILIZADOS**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Paraná, na Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Orientadora: Professora Doutora Maria Fatima Menegazzo Nicodem

MEDIANEIRA  
2014



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Alfabetização no Ensino Fundamental de nove anos: um olhar para os Métodos  
utilizados

Por

**Elisane Mann Broda Tavares**

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... de..... de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de ....., Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho .....

Professora Dr<sup>a</sup> Maria Fatima Menegazzo Nicodem  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
*Orientadora*

Prof Dr. ....  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
*Membro*

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. ....  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
*Membro*



Dedico este trabalho a minha Família e amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por proporcionar-me a realização de um sonho pessoal e profissional, dando-me perseverança, coragem e otimismo para não desanimar nos momentos difíceis da pesquisa.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

À Professora Dr<sup>a</sup> Maria Fatima Menegazzo Nicodem que orientou este trabalho com dedicação, empenho e competência. Na esperança de retribuir, com a seriedade de meu trabalho, a confiança em mim depositada, registro minha gratidão.

Aos meus pais Valdir e Gessi minha gratidão pela dádiva da vida. Pelo apoio constante e ensinamentos, na construção dos valores que norteiam e sempre nortearão minha vida, pelo carinho, atenção e estímulo para o estudo, que mesmo longe sempre me apoiaram e me incentivaram a nunca desistir.

Ao meu esposo Ronaldo por entender que muitas vezes a minha ausência se fazia necessária para o cumprimento de minhas atividades.

Às professoras das Escolas Municipais de Foz do Iguaçu, que contribuíram no questionário deste trabalho.

Enfim a todos aqueles que, embora aqui não mencionados, contribuíram para a realização deste trabalho.

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.”

*Paulo Freire*



## RESUMO

TAVARES, Elisane Mann Broda. Alfabetização no Ensino Fundamental de nove anos: um olhar para os métodos utilizados. 2014. 49 fls. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho apresenta o resultado da pesquisa realizada em nível de pós-graduação sobre a questão da alfabetização na transição do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Tendo como objetivo fazer uma pesquisa exploratória de base qualitativa, revisando os artigos científicos sobre as representações das professoras na alfabetização e na implantação do Ensino Fundamental de nove anos, acompanhada de entrevistas semiestruturadas tendo por finalidade descrever quais os métodos prescritos às professoras para alfabetizar, quais as dificuldades que essas professoras estão encontrando com a implantação do ensino de nove anos e quais são os desafios que as mesmas enfrentam, demonstrando como elas estão lidando com seus dilemas e desafios. Para tanto utilizou-se como aporte teórico os estudos de Brotto (2008), Demenech (2009), Mortatti (1994 – 2011), Soares (1999 - 2004), Paula (2011) e outros autores aqui não mencionados que também tratam sobre esta temática. Os dados iniciais evidenciam a preocupação das professoras que mesmo tendo acesso a um movimento de formação através dos grupos de estudo acompanhado pela secretaria de município de Foz do Iguaçu, ainda possuem dificuldades para efetivar um trabalho pedagógico que não desconsidere a infância como espaço de brincar e de desenvolver em contraposição ao ensino formal.

**Palavras-chave:** Ensino. Aprendizagem. Dificuldades.

## ABSTRACT

TAVARES, Elisane Mann Broda. Literacy in Primary Education nine years: a look at the methods used. 2014. Number of sheets. Monograph of Specialization in Education: Methods and Techniques of Teaching. Federal Technological University of Paraná Mediatix 2014.

This paper presents the results of research conducted at the undergraduate level on the issue of literacy in the transition from elementary school for eight to nine years, aiming to make an exploratory qualitative basis, reviewing scientific articles about representations of teachers in literacy and implementation of the nine-year elementary school, along with semi-structured interviews with the purpose prescribed describe what the teachers to teach literacy methods, what difficulties these teachers are finding with the implementation of education of nine years and what are the challenges that the same face, showing how they are dealing with their dilemmas and challenges. For that I use as the theoretical studies Brotto (2008), Demenech (2009), Mortatti (1994-2011), Smith (1999 -2004), Paula (2011) and others have not mentioned here that also deal on this subject. Initial data show the concern of teachers that even having access to a movement training through study groups accompanied by the secretariat of the city of Foz do Iguaçu, still have difficulties to carry out educational work that does not disregard childhood as a space for play and to develop as opposed to formal education.

Keywords: Education. Learning. Difficulties.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	13
<b>3 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ALFABETIZAÇÃO</b> .....	15
<b>3.1 HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL A PARTIR DO FINAL DO SÉCULO XIX</b> .....	16
3.1.1 Breve relato sobre a implantação do Ensino Fundamental de nove anos.....	17
3.1.2 Implantação do Ensino Fundamental de nove anos no oeste do Paraná: Um olhar par o município de Foz do Iguaçu .....	20
3.1.3 A implantação do Ensino Fundamental de nove anos e seu impacto no trabalho das professoras.....	21
3.1.4 A Relação entre a alfabetização e o Ensino Fundamental de nove anos: um olhar para as professoras.....	23
3.1.5 A Relação entre as alfabetizadoras e a alfabetização .....	27
<b>3.2 DILEMAS E OS DESAFIOS DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS NO QUE DIZ RESPEITO AOS MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS PARA ALFABETIZAR</b> .....	29
<b>3.3 REPENSANDO AS RELAÇÕES DE ENSINO PARA A ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA</b> .....	39
3.4 Uma visão pessoal sobre a implantação do Ensino Fundamental de nove Anos .....	42
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44

## 1 INTRODUÇÃO

Após as leituras feitas, foi se esclarecendo o porquê da escolha dos desafios e dos limites dos alfabetizadores como tema da monografia. O desejo é ter mais claro como os alfabetizadores lidam com os desafios que vão surgindo com a antecipação da idade de se alfabetizar, sendo que o processo de alfabetização é que vai determinar como será o futuro acadêmico de uma pessoa. Por este motivo muitos professores evitam as classes de alfabetização e os que trabalham se sentem inseguros, por não terem o total domínio dos métodos e técnicas utilizados neste processo. O papel da escola diante desta realidade é tornar a aprendizagem o mais simples possível, mediante ao ensino da língua portuguesa.

A escolha do tema vem ao encontro de uma preocupação com a mudança do ensino fundamental de oito para nove anos, que no Brasil, foi implantado através da Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005, que no qual tornou-se obrigatório a partir do ano de 2010. No entanto, esta mudança provocou divergências quanto à idade de corte das crianças para o ingresso na escola resultando em dúvidas tanto aos pais quanto às escolas e os sistemas estaduais de ensino. Muitas discussões surgem em torno do tema, principalmente no que diz respeito à inclusão das crianças de seis anos no primeiro ano do Ensino Fundamental. Uma das principais preocupações está relacionada à alfabetização dessas crianças que serão inseridas no primeiro ano.

A proposta de trabalho é de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, pois desta forma acredita-se ser possível discutir o problema proposto desta pesquisa, que tem como objetivo geral fazer um estudo sobre alfabetização no Ensino Fundamental de Nove Anos visando compreender as especificidades do trabalho pedagógico com crianças que entram no primeiro ano com apenas cinco anos de idade. Os objetivos específicos, nortearam as seguintes propostas: fazer um breve relato sobre a trajetória da alfabetização; promover uma reflexão acerca da alfabetização no primeiro ano do ensino fundamental de nove anos; discutir as principais dificuldades encontradas pelas

professoras nessa primeira experiência da implantação; relatar as concepções sobre a alfabetização dos professores segundo os autores contemplados.

Há tempos que as escolas enfrentam problemas devido à má formação de seus profissionais e que contribuem para o crescente fracasso escolar. É preciso compreender que o papel de professor foi mudando com o passar do tempo: daquele que detêm todo o conhecimento, passou a ser o que está sempre em busca de aprendizado. A relação entre o ensinar e o aprender é importante para que se provoque uma mudança.

Percebe-se que devido à falta de orientação inicial, os professores que atuam nessa etapa de ensino, acabam ficando sem estratégias para desenvolver um bom trabalho na instituição como articuladores do processo de aprendizagem e acabam restringindo-se somente ao ensino de conteúdos curriculares para se obter a alfabetização das crianças de cinco ou seis anos.

A escolha do tema partiu por eu já trabalhar neste ambiente, e por compartilhar com os professores alfabetizadores seus conflitos e seus desafios, desta maneira procurou-se através desta pesquisa esclarecer como os professores lidam com os desafios que aparecem em seu cotidiano e qual a metodologia utilizada por eles.

O professor alfabetizador tem papel fundamental na vida do aluno, pois o sucesso deste aluno nos próximos anos depende muito da sua aprendizagem na alfabetização e deste modo é preciso estudar e pesquisar sobre como os professores lidam com este processo e quais os principais problemas que encontram.

Segundo Soares (2004, p.47), alfabetização é a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, quer dizer que, tornar uma pessoa leitora é torná-la alfabetizada. Sob esta ótica é possível afirmar que a alfabetização é um momento único na vida de cada um, é o momento em que este aprende a ler e a escrever.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O trabalho foi realizado com base em pesquisa bibliográfica e análise documental, fontes que discorrem sobre o assunto em questão.

A pesquisa científica possui explícita relevância para o meio social e acadêmico, com o intuito de desenvolver concepções e criar ideias, que contribuam para o desenvolvimento do campo científico. Segundo o autor Ruiz,

A pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência. É o método de abordagem de um problema em estudo que caracteriza o aspecto científico de uma pesquisa. (RUIZ, 1986, p.48)

O embasamento teórico para o desenvolvimento do exercício da pesquisa a ser realizada, será a linha de pensamento histórico-crítica, buscando entrelaçar conceitos e concepções de autores que abordam a temática, dentre os quais, destacam-se: Mortatti e Paula (2011).

Buscou-se o que os autores tratam sobre a alfabetização baseada no conceito de pesquisa. Segundo Rodrigues (2007, p.34) “Pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência”.

Para este caso tem-se a hipótese de que os professores sabem lidar com esta nova condição e utilizam as novas técnicas e métodos para o seu desenvolvimento profissional, buscando sempre superar os desafios impostos pela modernidade.

Acredita-se que esta pesquisa foi fundamental na minha formação como profissional e atuação em sala de aula. Uma vez que refletindo sobre a inserção de crianças menores de sete anos no Ensino Fundamental e suas implicações, quanto o desenvolvimento e respeito por elas, terão grande esforço em apontar as amplas relações da realidade em que se insere meu objeto de pesquisa sem me dispensar de uma contínua investigação que poderá me auxiliar no

reconhecimento das contradições existentes nos processos de elaboração e implantação do Ensino Fundamental de nove anos e suas repercussões no campo da alfabetização.

### **3 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ALFABETIZAÇÃO**

Esta monografia visa demonstrar como os professores estão lidando com a realidade de alfabetizar cada vez mais cedo, tendo por finalidade demonstrar quais os métodos utilizados para alfabetizar, quais as dificuldades que se encontra com a implantação do ensino de nove anos e quais são os desafios.

Este é um novo momento no qual o professor tem por obrigação alfabetizar as crianças cada vez mais cedo, sendo preciso compreender que o seu papel foi mudando com o passar dos anos. Entende-se que o profissional que se dispõe a trabalhar com a alfabetização de crianças, precisa compreender como se dá esse processo, para poder planejar situações significativas e desafiadores, envolvendo todos os seus alunos.

É preciso rever as metodologias adotadas pelas escolas e priorizar a constante atualização dos professores. A relação existente entre família-escola também é uma dificuldade que os professores têm que enfrentar, pois a maioria dos pais acha que a escola é responsável pelo processo de alfabetização, sendo que, na verdade os pais são de extrema importância para que o processo de alfabetização seja concluído com sucesso.

Os professores do Ensino Fundamental I não têm total domínio dos conteúdos que apresentam e que quando tem domínio de tais conteúdos, “seus saberes assentam-se em concepções mecanicistas, míticas, utilitaristas” (CANDAU, 1996, p.155). Ela destaca ainda que as inúmeras tentativas de mudança dos currículos das Escolas Normais e dos cursos de Licenciatura não conseguiram solucionar esse problema.

Os professores que possuem e que buscam aperfeiçoar seus conhecimentos encontram melhores condições para perceber quais são as

dificuldades que seus alunos apresentam podendo assim realizar um trabalho reflexivo e crítico, onde a língua seja vista como um instrumento de inclusão e valorização de cada aluno presente no processo de alfabetização.

A alfabetização é um processo que exige uma boa formação teórica do professor e que o ajude a compreender como se dá a construção do conhecimento pela criança e, também, o auxilie na aquisição e no desenvolvimento de habilidades que facilitem o êxito no processo de aprender e ser.

Assim, entende-se que para alfabetizar é necessário conhecer a língua que se ensina sua estrutura e seu funcionamento. Para que possa produzir mudanças, é preciso buscar esse conhecimento e aplicá-lo em sala de aula.

Sendo assim, é papel do professor fazer com que o aluno da maneira mais simples possível possa compreender a língua e não só decodificá-la.

Segundo Brotto (2008, p.21)

A função do professor não é apenas mostrar ou explicar as funções sociais da linguagem, mais possibilitar ao aluno interagir e aprender com as diferentes formas linguísticas estabilizadas socialmente, e possíveis de serem para o contexto pedagógico, nas salas de aula.

É deste modo que não se pode pensar a alfabetização nos dias atuais como era no começo da história, pois a alfabetização vem sofrendo grandes mudanças assim como os professores alfabetizadores.

É preciso estudar a alfabetização por meio do seu próprio objeto que é a leitura e a escrita da língua materna e não da maneira que muitos professores fazem que seja somente ensinar sinais e não os signos.

O professor, além de alfabetizar, precisa formar seus alunos para a vida além da sala de aula, e esta formação passa pela influencia da cultura escolar e social a que o professor faz parte. É preciso entender na hora de alfabetizar que as crianças também têm suas diferenças e que estão em constante transformação.



### 3.1 HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL A PARTIR DO FINAL DO SÉCULO XIX.

Neste capítulo dissertarei brevemente sobre a história da alfabetização no Brasil a partir do final do século XIX e a implantação do Ensino Fundamental de nove anos, apontando o que isso acarreta no campo pedagógico.

A história da alfabetização no Brasil segundo a autora Maria do Rosário Mortatti (2008), deve ser estudada tendo como base o ensino da escrita e da leitura na fase da alfabetização, sendo dividida em quatro momentos, cada qual com suas especificidades e trazendo novas direções para a maneira de alfabetizar.

O primeiro momento que vai de 1876 até mais ou menos 1890 é caracterizado pela disputa entre os defensores dos métodos analíticos (que são considerados novos que são o método da palavração, da sentencição, da historieta, do conto) e os dos antigos métodos sintéticos (que são os de bê-á-bá, fônicos e silábicos).

O segundo momento que vai de 1890 a meados dos anos de 1920, é marcado pela oficialização do método analítico em 1910 que dura até 1920.

O terceiro momento que começa em meados dos anos de 1920 e vai até o final dos anos de 1970 é marcado pelas disputas entre defensores dos antigos métodos de alfabetização e os dos novos testes ABC, que devem verificar a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, dos quais decorre a introdução dos novos métodos mistos.

O quarto momento que vai de meados de 1980 até 1994 marca-se pelas disputas entre os defensores da nova perspectiva construtivista, antigos testes de maturidade e dos antigos métodos de alfabetização.

Inicia-se, assim, uma disputa entre os partidários do construtivismo e os defensores — quase nunca “confessos”, mas atuantes especialmente no nível das concretizações — dos tradicionais métodos (sobretudo o misto ou eclético), das tradicionais cartilhas e do tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizandos,

engendrando-se um novo tipo de ecletismo processual e conceitual em alfabetização (MORTATTI, 2006, p.10).

Por meio destas disputas foi se moldando o novo conceito de alfabetização que visava o bem-estar da criança, levando em consideração suas dificuldades. Desta<sup>1</sup> maneira que a cada novo momento foi se transformando o entendimento sobre a alfabetização e a maneira de se lidar com os alunos em sala de aula.

### **3.1.1 Breve relato sobre a implantação do Ensino Fundamental de nove anos**

A Secretaria de Educação Básica juntamente com os sistemas de ensino desde a (LDB) vinham discutindo sobre a ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Prevista na Lei nº 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que indicou para um ensino obrigatório de nove anos de duração, que deveria iniciar aos seis anos de idade, e tornou-se meta da educação nacional pela Lei nº10. 172/2001, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE). Finalmente as mudanças ocorreram em toda Educação Básica no Brasil a partir da aprovação em 6 de fevereiro de 2006, a Lei nº 11.274 instituiu o Ensino Fundamental de nove anos de duração, com a inclusão das crianças de 6 anos (BRASIL, 2007, p.5).

Esta mudança alterou a organização tanto da Educação Infantil quanto do Ensino Fundamental, trazendo as crianças que completam seis anos e em alguns casos de cinco anos ao longo do ano letivo para o primeiro ano do Ensino Fundamental que agora tem a duração de nove anos.

O documento Ensino Fundamental de Nove Anos retrata que, “cabe reconhecer o quanto o Brasil avançou em direção à democratização do acesso e da permanência dos alunos no Ensino Fundamental, pois, hoje, 97% das

---

1

A autora tem por base a situação da alfabetização em São Paulo.

crianças estão na escola” (BRASIL, 2004, p. 9). Lembrando que são as crianças menores de 10 anos. E também acrescenta:

Cabe, ainda, ressaltar que o Ensino Fundamental de nove anos é um movimento mundial e, mesmo na América do Sul, são vários os países que o adotam, fato que chega até a colocar jovens brasileiros em uma situação delicada, uma vez que, para continuar seus estudos nesses países, é colocada a eles a contingência de compensar a defasagem constatada (BRASIL, 2004, p.13).

Estas mudanças provocaram também modificações no quadro educacional; pois, agora a Educação Infantil, atende crianças de 0 a 6 anos – em alguns municípios de 0 a 4 ou 5 – e o Ensino Fundamental de 6 a 14 anos. Sendo que a ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos exige uma modificação no campo político, administrativo e pedagógico, já que o objetivo é de ampliar o período obrigatório.

A implantação do Ensino obrigatório de nove anos colocou que a criança iniciaria no Ensino Fundamental aos seis anos, tendo como objetivo ampliar o número de anos de ensino obrigatório, oportunizando assim a aprendizagem.

No Brasil, a histórica desigualdade na distribuição de renda e de poder foi responsável por infâncias diferentes para classes sociais diversificadas. O aluno de classe média e alta teve e tem mais oportunidades, pois já se encontravam nas pré-escolas ou na primeira série do Ensino Fundamental. De acordo com o Documento Para Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientação para a Inclusão da Criança de Seis Anos de Idade considera-se que:

[...] no Brasil, ainda é muito recente a busca pela democratização da escolarização obrigatória e presenciamos agora sua ampliação. Se já caminhamos para a universalização desse atendimento, ainda temos muito a construir em direção a uma estrutura social em que a escolaridade seja considerada prioridade na vida das crianças [...] (BRASIL, 2007, p.27).

Desta forma é preciso pensar a escolarização de uma maneira geral, focando no ensino e na qualidade da educação oferecida, não basta somente fazer uma ampliação do ensino, é necessário pensar em como esta ampliação vai ajudar no processo de alfabetização.

[...] quando as crianças ingressam na instituição escolar, antes dos sete anos de idade, apresentam em sua maioria, resultados superiores em relação àquelas que ingressam somente aos sete anos (LOPES E MENDES, 2006, p.10).

Confirmando a consideração das autoras o Documento Orientações Gerais do Ensino Fundamental de Nove Anos relata que “nessa faixa etária a criança já apresenta grandes possibilidades de simbolizar e compreender o mundo, estruturando seu pensamento e fazendo uso de múltiplas linguagens” (BRASIL, 2004, p. 18), nesse momento de suas vidas que elas constroem sua autonomia e sua identidade.

Portanto, o ingresso da criança de cinco e seis anos no Ensino Fundamental não podia somente constituir mudanças no gerenciamento ou na entrada educacional, mas sim uma atenção ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

### **3.1.2 Implantação do Ensino Fundamental de nove anos no oeste do Paraná: Um olhar para o município de Foz do Iguaçu**

No Paraná a implantação do Ensino Fundamental de nove anos se daria somente no ano de 2007, porém a partir de 2006, escolas privadas reivindicaram na justiça que as crianças de cinco anos ou seis anos incompletos pudessem ser matriculadas no primeiro ano. Em março de 2007, o Ministério Público estendeu essa reivindicação para que todas as crianças do Estado tivessem tal acesso (in PAULA, 2009).

Outro fato importante que acontecia no estado do Paraná era a não universalização da Educação Infantil. Desta forma, feita uma orientação para que a matrícula no Ensino Fundamental de 2010 fosse feita com crianças que completariam seis anos no início do ano letivo. Embora, os pais que evocarem neste nível de Ensino Fundamental possa matricular as crianças de cinco anos, por preservação de direito segundo o Ministério Público.

A antecipação da entrada de alunos de 5 anos na Educação Básica foi a forma material da implantação do Ensino Fundamental de nove anos nos municípios do oeste do Paraná. Trouxe consigo a diversidade dos critérios etários e o “engolir” das turmas de pré-escola, isto é, quando existiam ou trouxe a perpetuação da ausência nos municípios onde nunca existiram.

Em alguns municípios, ou espaços dele onde não havia oferta da pré-escola a matrícula da criança de cinco anos no Ensino Fundamental foi considerado um ganho para os profissionais da escola.

Em parte dos municípios os pais preferiam que seus filhos ficassem na pré-escola, mas, não tiveram esta opção de escolha, por falta de oferta de pré-escola. Em outros municípios os pais declararam estarem satisfeitos com a antecipação da escolarização e da alfabetização, pois desta forma seus filhos não ficariam “atrasados” em relação ao restante do país.

Já em 2011 por uma Resolução Municipal, a prefeitura de Foz do Iguaçu, resolve retornar a orientação nacional sobre o corte etário e matricularam no primeiro ano apenas as crianças com seis anos completos e recriou a antiga turma de pré-escola para as idades de cinco para seis anos nas salas de aula das escolas da rede municipal.

Embora a expectativa dos pais e das crianças fosse de continuidade, desta vez as alterações foram explicadas ao público e apresentadas publicamente. Um dos motivos que orientou a decisão foi a diversidade etária presente nos terceiros e quartos anos e a própria dificuldade institucional de organizar a rede física para adequar a crianças de 5 anos no Ensino Fundamental. Os pais que invocaram a Lei Estadual nº 16.049/2009 no direito de que seus filhos de cinco anos fossem matriculados no Ensino Fundamental, tiveram disponibilizado através da Secretaria de Educação um dispositivo de avaliação da criança, sendo que esta avaliação buscou reunir dados sobre os aprendizados das crianças.

No presente momento não se tem dados sobre quantas crianças pleitearam o direito de matricular no Ensino Fundamental com cinco anos, nem quantas conseguiram.

### **3.1.3 A implantação do Ensino Fundamental de nove anos e seu impacto no trabalho das professoras**

Falou-se muito sobre os impactos que o processo de implantação do Ensino Fundamental de Nove Anos poderia causar na criança em longo prazo, mas não se pensou na professora que iria ter que se adequar a esta nova realidade e buscar resolver os problemas que poderiam surgir ao longo desta implantação, sendo que grande parte dos professores não teve respaldo sobre como lidar com este novo contexto, diante disso a autora Catarina Moro argumenta:

Os professores, de diferentes redes e instituições, não foram convocados diretamente pelo governo federal, responsável pela elaboração do programa de ampliação e pelas primeiras normatizações, desde a promulgação da Lei no 11.274/06, até os pareceres e resoluções do CNE. Os interlocutores junto ao MEC foram principalmente os gestores estaduais e municipais da educação. De acordo com o 2º Relatório do Programa (BRASIL, 2005), 20 secretarias estaduais e apenas 135 secretarias municipais (há no país 5.563 municípios) haviam participado do “Encontro Nacional: Ensino Fundamental de Nove Anos”, realizado em novembro de 2004. Qualquer interlocução direta com os professores se houve ou não, dependeu das instâncias locais, sob a responsabilidade das Secretarias de Educação e das próprias escolas (MORO, 2009, p.43).

Por meio da sua prática em sala de aula é que a alfabetizadora vai buscar a melhor forma de fazer a mediação do saber, que seja adequada e necessária aos alunos.

Em diversos depoimentos informais pode-se ouvir que as professoras não sabem como lidar com estas crianças que desejam brincar e não aprender o conteúdo teórico. E desta forma que Sonia Kramer (2006, p. 804) afirmou: “Formar professores para lidar com crianças pequenas é uma tarefa nova na história da escola brasileira e, para muitos, desconhecida e até mesmo, menos

nobre; ter crianças com menos de sete anos na escola parece surpreender ou impactar gestores e pesquisadores”.

O primeiro documento oficial publicado pelo MEC sobre o Programa de ampliação do Ensino Fundamental (BRASIL, 2004) se posiciona fazendo alusão à necessidade de “assegurar ao professor programas de formação continuada, privilegiando a especificidade do exercício docente em turmas que atendem a crianças de seis anos” (BRASIL, 2004 p. 24). Na sequência do documento, mantém-se a mesma defesa dos documentos oficiais referenciados anteriormente ao se afirmar:

A natureza do trabalho docente requer um continuado processo de formação dos sujeitos sociais historicamente envolvidos com a ação pedagógica, sendo indispensável o desenvolvimento de atitudes investigativas, de alternativas pedagógicas e metodológicas na busca de uma qualidade social da educação. Não há nenhum modelo a ser seguido, nem perfil ou estereótipo profissional a ser buscado (BRASIL, 2004, p.58).

Porém, a realidade é outra, observam-se professoras sem um amparo necessário para por em prática o que se ouve tanto falar na teoria, as professoras antigas se assustam ao ver crianças tão pequenas no primeiro ano, as professoras que se formaram recentemente ficam perdidas ao lidar com esta nova realidade, pois não se sabe se realmente é preciso alfabetizar no primeiro ano ou apenas iniciar o processo de alfabetização.

É preciso entender que os professores não são apenas transmissores de saberes científicos, e que é necessário levar em conta seus saberes cotidianos, mudando assim o discurso valorizado pelas instituições.

#### **3.1.4 A Relação entre a alfabetização e o Ensino Fundamental de nove anos: um olhar para as professoras.**

Após a implantação o processo de alfabetização é pensado de forma com que os pequenos já saiam do primeiro ano alfabetizados, sendo que na

atualidade as crianças começam a ser alfabetizadas já no maternal, e muitas escolas pensam a alfabetização sem levar em consideração o lúdico e a necessidade da criança pelo brincar.

O processo de alfabetização na vida de uma criança é importante não só para o seu desenvolvimento cognitivo mas também para o seu desenvolvimento social, tendo em vista que é neste período que a criança tem a oportunidade de desenvolver as suas habilidades e construir este conhecimento devido às suas experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar.

É pensando nesta perspectiva que Izabel Frade coloca que:

Não se pode esquecer que, em geral, as possibilidades e limites dos métodos de alfabetização estão ligados aos métodos de ensino que, ao serem produzidos paralelamente, dão ao ensino um ordenamento mais amplo e interferem em todos os conteúdos da instrução e formação. As relações entre as formas de organização do ensino, os paradigmas sobre o papel da escola e sobre o aprendizado vão repercutir historicamente em métodos de alfabetização: sejam para reforçar alguns deles, seja para negá-los (FRADE, 2007, p.29).

Deste modo, os métodos utilizados pelas professoras demonstram a sua maneira de alfabetizar e como elas lidam com o processo de ensino aprendizagem.

Sendo assim, não basta apenas ensinar a decifrar o sistema de escrita estabelecendo relações entre sons e letras. Também não é suficiente que os alunos leiam textos completos pertencentes a uma esfera escolar ou literária: é necessário que façam uso da escrita em situações sociais e que se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem. Temos então uma dupla questão para a escola: precisamos tratar a língua como objeto de reflexão e como objeto cultural e isto, às vezes, implica em metodologias diferentes (FRADE, 2007, p.32).

Assim, o professor alfabetizador que possui conhecimentos linguísticos teria melhores condições de avaliar, intervir e detectar as dificuldades da sua turma podendo realizar um trabalho reflexivo e crítico, buscando a valorização de cada aluno presente no processo de alfabetização e letramento.



Isto fica claro nos estudos de Catarina de Souza Moro (2009) e de Tamara Cardoso André (2012) que fizeram entrevistas com professoras alfabetizadoras e em ambas as entrevistas foram perguntadas as professoras sobre a implantação do Ensino Fundamental de nove anos e muitas foram as respostas como se pode observar:

Ana considerou o Ensino Fundamental de nove anos positivo por se constituir como uma oportunidade a mais para os alunos carentes, que não têm estímulos em casa, se alfabetizarem. [...] Apesar de acreditar que a imaturidade para aprender é uma das dificuldades no processo de alfabetização, Ana viu como positivo o ingresso mais cedo das crianças em classes de alfabetização, por representar mais tempo na escola e mais oportunidade para a aprendizagem (ANDRÉ, 2012, p.195).

Aqui pode-se perceber que a professora citada entende a entrada mais cedo da criança na escola como uma oportunidade a mais de ela ter estímulo para se alfabetizar, visto que em casa isto seria mais difícil. Por outro lado temos a alfabetizadora Lúcia que entende que a implantação do Ensino Fundamental de nove anos dificulta do trabalho das professoras do primeiro ano. Segundo Tamara Cardoso André

Lúcia considerou que, na comunidade carente onde a escola estava inserida, o ensino fundamental de nove anos havia dificultado o trabalho do professor de primeiro ano. As crianças passaram a ingressar na alfabetização sem base, imaturas, querendo apenas brincar. O fato de entrarem para o primeiro ano sem terem passado pela creche era outro fator dificultador. O professor se via impedido de trabalhar o lúdico, dadas as exigências para alfabetizar as crianças. As atividades de pré-requisitos para a alfabetização e de ensino da leitura e da escrita a partir do método das cartilhas foram predominantes nas aulas de Ana e Lúcia (ANDRÉ, 2012, p.196).

Para Catarina de Souza Moro é possível perceber que as professoras por ela entrevistadas não tiveram o esclarecimento necessário sobre como lidar com este primeiro ano após a implantação do Ensino Fundamental de nove anos:

As falas revelam que não houve por parte da Secretaria de Educação ou mesmo da equipe pedagógica das escolas uma capacitação ou discussão específica sobre o aprender e ensinar para este novo ano escolar. Contudo, as professoras

consideraram as multiplicidades do aprender infantil, que não estão implicadas exclusivamente no processo de alfabetização, este sim objeto de discussão e das capacitações que participam. De outro lado, as professoras revelaram impossibilidades para efetivar, no cotidiano com o 1º ano, práticas educativas que elas pensavam ser necessárias e adequadas e queriam que acontecessem. A inviabilidade pode ser decorrente das imposições da estrutura escolar, própria do Ensino Fundamental, ou das condições do espaço físico, ou ainda, pelas interpretações e modos de cada professora situar se nesse universo (MORO, 2009, p.125).

É difícil para as professoras terem que lidar com tanta informação nova, sem ter o auxílio necessário para isto, além do mais ter que encarar a expectativa dos pais em relação a alfabetização de seus filhos já no primeiro ano:

Pressões indiretas também contribuem para a constituição do sentido de que a alfabetização é o centro de todo o trabalho para com aquele ano de escolaridade das crianças. Entre elas está a criação de um novo mecanismo de avaliação externa para acompanhar a efetividade da educação pública no início da escolaridade, figurada na Provinha Brasil, que deve ser aplicada aos egressos do 1º ano. Outra pressão indicada na fala de Beatriz, que não é nova, e sempre se configurou uma questão conturbada para os professores que assumiam as antigas 1as Séries do ensino de 8 anos, é a expectativa da comunidade escolar – pais, pedagogos e/ou coordenadores e professores dos anos subsequentes, principalmente do 2º ano, sobre os resultados do processo de alfabetização (MORO, 2009, p.132).

Segundo André (2012), a maior dificuldade das professoras era o fato de não poder trabalhar com o lúdico, pois se tinha que dar conta dos conteúdos de ensino da leitura e da escrita.

Segundo Ana, alfabetizar todos os alunos até o final do ano letivo era uma tarefa difícil devido à falta de apoio dos pais e às dificuldades dos alunos. Entretanto, Ana afirmou que conseguia alfabetizar os alunos até o final do primeiro ano. Ana estabeleceu uma diferença entre “problemas” e “dificuldades” na aprendizagem. A dificuldade estaria relacionada com a imaturidade do aluno e com a lentidão no processo de aprendizagem. Os problemas na aprendizagem, mais raros, demandariam atendimento especializado, acompanhamento psicológico ou classe especial (ANDRÉ, 2012, p.196).

As professoras têm consciência das necessidades dos seus alunos, e passam a adotar as práticas da Educação Infantil e não a do Ensino Fundamental da primeira série Moro (2009).

Considerando-se agora o indicador “Brincar e aprender”, de acordo com o depoimento de todas as professoras participantes desta pesquisa, fica claro que é comum entre elas o reconhecimento de que as crianças, entre 5 e 7 anos, que passaram a integrar o Ensino Fundamental de 9 anos, devam ser acolhidas em sua necessidade de brincar e não apenas “estudar com seriedade” ou ser “ensinadas”. O depoimento de todas as professoras também revelou que as turmas de 1º ano adotaram uma prática da Educação Infantil, que também era mantida pelas turmas da Etapa Inicial: o Dia do Brinquedo. Ele ocorre, em geral, uma vez por semana na escola. É uma prática que depende do professor; a escola não obriga ou exige que ela aconteça. O dia da semana em que ele ocorre também depende do professor (MORO, 2009, p.98).

É possível perceber que as professoras tinham dificuldade em alfabetizar os pequenos, mesmo assim elas faziam de tudo para que as crianças fossem para o segundo ano em um processo de alfabetização avançado.

Lúcia disse que a principal dificuldade no processo de alfabetização era a ausência dos pais, que não ensinavam as crianças em casa e não ajudavam na realização das tarefas. As crianças que em casa não tiveram oportunidade de desenvolver a motricidade, trabalhando com papel, lápis, tesoura, cola massinha, ingressavam na escola sem estarem prontas para o início do processo de alfabetização. Outra dificuldade era a imaturidade das crianças, que chegavam à escola muito nova e queriam passar mais tempo brincando do que aprendendo. Embora tanto Ana quanto Lúcia tenha ressaltado a importância da ajuda dos pais e a necessidade de desenvolver os pré-requisitos para a alfabetização, ambos apresentaram modos distintos de iniciar o processo de alfabetização (ANDRÉ, 2012, p.198).

As dificuldades mais apontadas pelas professoras foram que os alunos do primeiro ano são imaturos para seguir algumas regras, crianças sem apoio dos pais, alunos carentes, problemas disciplinares e ainda sobre o currículo e os conhecimentos a serem trabalhados, se deveria ou não alfabetizar no primeiro ano. Essas dificuldades revelam que o recebimento das crianças completando seis anos no ensino fundamental ainda é uma adaptação. Adaptação da criança

e da professora ao recebê-las no contexto escolar, entendendo também que a ajuda dos pais no processo de alfabetização de seus filhos é de extrema importância, já que a criança que recebe incentivo e principalmente o estímulo em casa sente mais facilidade no seu processo de alfabetização.

Percebe-se que devido à falta de orientação inicial, a professora que atua nessa etapa de ensino, acaba ficando sem estratégias inovadoras e não consegue desenvolver a sua prática pedagógica na instituição sendo uma articuladora do processo de aprendizagem e acaba restringindo-se ao ensino de somente conteúdos curriculares para se tiver a alfabetização das crianças menores de sete anos.

### **3.1.5 A Relação entre as alfabetizadoras e a alfabetização**

O maior desafio para as professoras é encontrar salas lotadas e uma diferença muito grande de aprendizagem nestas turmas. Também é necessário rever as metodologias que são adotadas priorizando a constante atualização do professor. A relação entre o ambiente escolar e o ambiente familiar é outra dificuldade que os professores enfrentam, pois grande maioria dos pais vê apenas a escola como responsável pelo processo de alfabetização, sendo que os mesmos são determinantes para que este processo seja concluído com sucesso.

O ato de alfabetizar exige que o professor tenha uma formação teórica que o capacite para a compreensão do processo de construção do conhecimento pela criança, fazendo que ele seja um facilitador no processo de aprender e ser.

Assim, para alfabetizar o professor precisa conhecer a língua que ensina sua estrutura e seu funcionamento. Para que possa produzir mudanças, ele precisa buscar esse conhecimento e aplicá-lo em sua sala de aula.

Atualmente, os programas de alfabetização no Brasil são orientados de acordo com as propostas trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais que afirma:

[...] a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar (isso não significa que não haja lugar para a percepção e a memória, mas que elas não são o centro do processo), e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas de que forma ela representa graficamente a linguagem. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, v.2, p.21).

Deste modo é papel do professor fazer com que o aluno da maneira mais simples possível possa compreender a língua e não só decodificá-la.

A função do professor não é apenas mostrar ou explicar as funções sociais da linguagem, mas possibilitar ao aluno interagir e aprender com as diferentes formas linguísticas estabilizadas socialmente, e possíveis de serem para o contexto pedagógico, nas salas de aula (BROTTO, 2008, p.56).

É deste modo que não se pode pensar a alfabetização nos dias atuais como era no começo da história, pois a alfabetização vem sofrendo grandes mudanças assim como os professores alfabetizadores também.

É preciso estudar a alfabetização através do seu próprio objeto que é a leitura e a escrita da língua materna e não da maneira que muitos professores fazem que seja somente ensinar sinais e não os signos, entendendo por signo a própria linguagem.

O professor além de alfabetizar precisa formar seus alunos para além da sala de aula, e esta formação terá influencia da cultura escolar e social a que este professor pertence, é preciso entender na hora de alfabetizar que as crianças também têm suas diferenças e que estão em constantes transformações.

Partindo de pesquisas recentes que apontam as grandes possibilidades de aprendizagem das crianças pequenas, propõem o fim da infância e realizar a educação pré-escolar sob

a forma de antecipação da atividade escolar própria do Ensino Fundamental – em geral, por meio de utilização de apostilas que empobrecem a aproximação ao conhecimento elaborado, condição para apropriação das qualidades humanas acumuladas nos objetos da cultura material e não material. Não consideram, nesse caso, que tratam com um cérebro em formação capaz, por isso, de um trabalho ainda limitado se comparar ao cérebro humano maduro. (MELLO, 2007, p.76)

São questões como estas, que relatam e revelam os dilemas pelos quais passaram e ainda passam as professoras alfabetizadoras após a implantação do Ensino Fundamental de nove anos e os reflexos que esta implantação tem causado principalmente na parte da alfabetização no que diz respeito aos métodos e técnicas utilizadas por estas professoras no processo de alfabetização.

### 3.2 DILEMAS E OS DESAFIOS DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS NO QUE DIZ RESPEITO AOS MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS PARA ALFABETIZAR

A alfabetização é o começo da vida escolar de uma pessoa, desta forma sabe-se que a maioria dos professores evitam as turmas de alfabetização e aqueles que trabalham não se sentem seguros, muitas vezes por não dominarem os conhecimentos exigidos para uma boa alfabetização, culpa de uma formação insuficiente, porém, o respeito aos alunos é um importante passo do professor em direção a uma educação de qualidade, valorizando as diversidades culturais e o conhecimento prévio de cada aluno.

(...) Sem a pessoa, não se pode entender o comportamento da pessoa, (...) pois é ela quem, na singularidade de sua história, nos possibilita o acesso às condições sociais de produção dos sentidos que já a constituem e dos que nela estão em elaboração, reafirmando ou redimensionando aqueles (FONTANA, 2000, p.35).

A formação dos alfabetizadores no Brasil aconteceu nas últimas décadas como um processo marcado ora pela atuação profissional e pela cultura profissional, ora pelas incidências de políticas, projetos públicos para a reorganização da escola, ora pela incidência de novos discursos acadêmicos sobre as inter-relações entre linguagem, escola e metodologias para alfabetizar. Acreditando que a alfabetizadora não é um receptor passivo (CERTEAU, in: PAULA, 2008), mas elaboram apropriações ativas uma pergunta me inquieta: O que os professores pensam a respeito da implantação do ensino de nove anos em relação aos métodos e técnicas utilizados? E o que elas estão achando dessa implantação? Mais do que acomodação e resistência à inclusão de uma nova série e mais do que constatar a inocência política que a elas são atribuídas, pode-se observar que as professoras têm vivido mais esta mudança como um drama. Como dar a ver estes dramas? (PAULA, 2011).

Nessa empreitada, o “drama” tem sido uma categoria de análise privilegiada. Entendido (...) como a dinâmica contraditória em que a personalidade vai se produzindo nos eventos de nossa experiência, o drama remete ao constante choque de significados e de valores derivado do fato de vivermos, simultaneamente, lugares e papéis sociais diversos e distintos (FONTANA, 2000, p.45).

Assim as professoras eram de turmas de crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental. As entrevistas foram realizadas e exploradas durante o ano de 2012. A partir desta pesquisa pretende-se compreender a implementação do Ensino Fundamental de nove anos através das apropriações e dramas vividos pelas alfabetizadoras.

A primeira questão elaborada foi: *O que é ser alfabetizadora na sua perspectiva? Quais os métodos de ensino que você utiliza?* Obtive como respostas:

*É introduzir a criança no complexo mundo da escrita, das letras e seus fonemas, com o intuito de possibilitar o seu integração no meio social da melhor maneira possível, qualificando-a para uma sociedade na qual impera o modelo político e econômico pautado no mercado de trabalho e no acúmulo de capital. A*

*alfabetização deve estar para além da própria leitura e escrita. Deve ser possibilitada à criança a construção de uma concepção sobre a funcionalidade do ato de ler e escrever e sua relevância para o meio social (Profª Ana, julho de 2012).*

A professora Ana tem uma concepção mais teórica sobre a alfabetização, entendendo que a alfabetização é um processo e não pode ser de responsabilidade de uma única professora, mais sim do conjunto de professoras que trabalharam com este aluno do 1º ao 5º ano, em suas palavras ela é um pouco mais contida mais em seu depoimento oral coloca como é difícil para alfabetizar trazer para si a responsabilidade de fazer uma criança de seis anos ler e escrever.

A professora Bia coloca:

*Ser alfabetizadora não significa apenas ministrar aulas para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, a cada ano que passa os alunos tem sido promovido sem que dominem conceitos básicos para que se desenvolvam bem nos outros anos o que tem tornado a perspectiva de ser alfabetizador bem mais abrangente. Não valorizo um método em detrimento do outro, na medida em que novos desafios e necessidades dos alunos vão aparecendo tento desenvolver atividades para atendê-las (Profª Bia, julho de 2012).*

Pode-se ver na escrita da professora Bia que ela também vê a alfabetização como um processo e que os métodos que utiliza são em favor de seus alunos, para que eles possam aprender melhor o que é ensinado para eles, já a professora Cida aponta:

*Ser alfabetizadora é conhecer seu aluno e buscar saber a melhor forma de lidar com cada criança. De certa forma, quando estou em sala de aula, utilizo os métodos dependendo da clientela que tenho, pois muitas vezes um método favorece uma criança e desfavorece a outra (Profª Cida, julho de 2012).*

A professora Cida por ter trabalhado por muito tempo com a alfabetização percebe a necessidade de conhecer seu aluno e saber a melhor forma de trabalhar com cada um, pois os alunos têm necessidades diferenciadas. Dora fala sobre algumas das dificuldades de ser alfabetizadora nos dias de hoje:



*Ser alfabetizadora pra mim hoje é muito difícil, pois vem acontecendo muitas mudanças, mais é o que eu gosto de fazer, e acredito que a alfabetizadora é a peça mais importante na vida de uma criança. Eu utilizo e aplico tudo o que é inovador de todas as metodologias. Acabo utilizando um pouco de cada um e colocando os alunos (educandos) para interagirem juntos, pois acredito que um ajudando o outro eles aprendam melhor e mais rápido (Profª. Dora, julho de 2012).*

Lia coloca a sua forma de ver a alfabetização partindo da teoria construtivista:

*É ser mediador de o conhecimento considerar que o aluno já vem com uma bagagem cultural, minha concepção sobre alfabetização é baseada no construtivismo (Profª Lia, julho de 2012).*

Vendo e ouvindo as respostas das entrevistadas, pode-se perceber que cada professora tem o seu modo de ver a alfabetização e que esta característica própria deve ser respeitada e levada em consideração na hora da formação, buscando através da concepção de cada uma a melhor forma de ensinar os alunos.

A segunda questão foi: *Quais as dificuldades que elas enquanto alfabetizadoras estavam encontrando com a implantação do ensino de nove anos? E o que achavam dessa implantação?* O objetivo com esta pergunta foi saber um pouco das dificuldades dessas professoras e sua posição perante esta nova etapa de ensino.

*A infância é uma etapa essencial e de suma importância para a vida de todo o indivíduo. A criança não deveria ser privada da possibilidade e do direito de ser criança, brincar, correr, pular, interagir com os amigos, assim como os demais aspectos fundamentais, como convívio com a família, saúde, segurança e boa alimentação. A escola é um ambiente que tem como função contribuir para o desenvolvimento integral da criança. Entretanto, as demais atividades do “ser criança” não deveriam ser menosprezadas no cotidiano escolar, tão pouco abolidas. O que se observa atualmente, com a implantação do Ensino Fundamental de nove anos é uma supervalorização do processo de aquisição de conteúdos, pelo qual se inicia cada vez mais cedo à etapa da alfabetização. Como consequência, prejudica-se o desenvolvimento integral e emocional da criança, tendo em*

*vista, o seu sobre carregamento quanto à questão da aprendizagem (Profª Ana, julho de 2012).*

A Professora Bia acrescenta que por as crianças serem muito pequenas tem que trabalhar o lúdico com elas:

*Cada vez mais cedo as crianças têm sido privadas de seu direito de ser criança, brincar, ter atividades significativas sendo realizadas para que se desenvolva integralmente. O que se percebe é que o ensino está cada vez mais “maçante”, massacra as crianças fazendo com que desenvolvam atividades repetitivas e sem relação com sua cultura que fazem com que percam o encantamento que um dia possam ter tido pela escola (Profª Bia, julho de 2012).*

*A maior dificuldade é pegar alunos que nunca frequentaram a pré-escola, a falta de colaboração da família e dos alunos, a imaturidade das crianças, o sistema em relação à idade, a complexidade de adequação ao processo de ensino de nove anos. Acho que está implantação só vai dar certo quando se tiver clareza do principal objetivo do primeiro ano (Profª. Cida, julho de 2012).*

*“Sinceramente, crianças que vem para a escola sem ter apoio nenhum dos pais. (pais analfabetos, pais alienados, escola ensina ou não). Problemas disciplinares, alunos carentes etc. O ensino de nove anos até agora é só nome porque na prática, continua sendo como antes, o primeiro ano corresponde ao pré-escolar” (Profª. Dora, julho de 2012).*

*A principal dificuldade encontrada e que a criança chega mais cedo na escola e a questão de limites deixa a desejar. Em minha opinião a criança perdeu com esta implantação, pois a educação infantil é de grande valia par o desenvolvimento cognitivo, afetivo e físico da criança (Profª. Lia, julho de 2012).*

As professoras demonstram que a maior dificuldade até o momento é a maturidade dos alunos e sem o apoio dos pais dificulta ainda mais o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

As professoras ainda têm dúvidas se deve ou não alfabetizar no primeiro ano. Talvez, as professoras ainda estejam buscando respostas para tantas questões que foram surgindo durante este primeiro ano da implantação do novo sistema de Ensino Fundamental. O processo do ensino de nove anos é muito

complexo. Esta consideração afirma que é preciso muito diálogo com os profissionais da educação a respeito desta nova etapa do Ensino Fundamental.

A terceira questão solicitava que as entrevistadas falassem como é sua turma em sala de aula e de que maneira ela realizava seu trabalho?

*Com a sobrecarga de atividades objetivando a aquisição de conteúdos, o que se observa é um grande acúmulo de energia pelos alunos, pronta para ser liberada. Estes necessitam de movimentação, espaço, brincadeiras e jogos que contribuam para o seu desenvolvimento físico e social. Entretanto, com a demasiada e saturada rotina de atividades curriculares propostas e exigidas, não sobra tempo para a realização de atividades extraclases. Como docente de uma turma extremamente energizante, justifico-me pelo fato de não contribuir significativamente para a amenização deste aspecto, pois a escola em que atuo não se dispõe de um espaço adequado para a realização de atividades físicas, assim como há no sistema municipal de ensino de Foz do Iguaçu e, acredito que como aqui, igualmente acontece em muitos outros municípios, uma constante pressão sobre os docentes no que tange a questão do processo de ensino aprendizagem (Profª Ana, julho de 2012).*

*Minha turma está no 5º ano do ensino fundamental. Tenho vários alunos que estão fora da faixa etária e com sérias dificuldades de aprendizagem. Como consequência da aprovação automática em ano de avaliação em larga escala, alguns alunos não estão se querem alfabetizados, possuem graves dificuldades para ler e escrever o que faz com que o trabalho seja exaustivo uma vez que devido ao extenso conteúdo programático a ser cumprido e as necessidades de tais alunos seja difícil realizar um trabalho que atinja a todos os alunos (Profª. Bia, julho de 2012).*

*A minha turma é de 25 crianças, é uma turma agitada que na maioria das vezes só quer brincar, que não leva a sério os conteúdos passados, mais eu coloco eles na linha, quando está fazendo muito barulho dou uns gritos e a turma se ajeita (Profª. Cida, julho de 2012).*

*Tenho alunos em todos os níveis, tem criança que nem sabe pegar no lápis ainda, tem criança que já escreve o nome sozinho e outras até já leem alguma coisa, no geral é uma turma boa, claro que como toda turma tem suas dificuldades e casos que são mais complicados, mais eu consigo fazer com que eles sigam meu ritmo e através do diálogo sempre consigo passar o que foi proposto (Profª. Dora, julho de 2012).*

*Muito complicada, trabalho com muita paciência e persistência para realização dos conteúdos programáticos, pois se não vira bagunça na sala e não se consegue ensinar nada, os alunos são muito dispersos e tudo é mais interessante do que eu estou passando (Profª Lia, julho de 2012).*

Por meio das palavras de cada alfabetizadora é possível perceber o quanto à forma de se portar em sala é importante, pois é a professora quem dita o ritmo da turma e só quem tem um bom relacionamento com a sua turma pode ter êxito no seu propósito de alfabetizar a criança no primeiro ciclo..

Na quarta questão, questionou-se *Quais são suas perspectivas para o seu futuro como alfabetizadora?*

*Amo a profissão que escolhi, mas o meu futuro enquanto alfabetizadora, assim como das demais docentes, encaminha-se para momentos difíceis e incertos, pois se supervaloriza cada dia mais o processo de aquisição de conteúdos e, as crianças estão sendo sobrecarregadas em demasia com a questão, sendo obrigadas pelo atual modelo educacional a assumirem responsabilidades que, devido a pouca idade, nem deveriam. Crianças precisam brincar pular, correr e interagirem umas com as outras em brincadeiras e atividades recreativas, não sendo totalmente incumbidas ao árduo sistema atual projetado para o nível de alfabetização. Pouco será os profissionais que aceitarão e se submeteram as consequências futuras desta nova organização de ensino (Prof.ª Ana, julho de 2012).*

*Acredito que está cada vez mais difícil ser professora principalmente pela falta de uma equipe pedagógica que tente ver que não é a penas nos três primeiros anos que se alfabetiza. Uma das bandeiras que defendo é que nossos alunos estão em permanente fase de alfabetização e que a cada dia que se passa os desafios para as professoras aumentam para que se desenvolvam trabalho com qualidade (Profª Bia, julho de 2012).*

*Meu futuro como alfabetizadora no momento é incerto, pois eu gosto muito de trabalhar com os pequenos, mais falta muito ajuda na parte pedagógica é muito grande e ficamos meio desnorteadas, já com os maiores tudo é mais fácil (Profª Cida, julho de 2012).*

*Essa é a profissão que escolhi pra mim e mesmo com todas as dificuldades que eu enfrento e com certeza ainda enfrentarei, acho que é na alfabetização que eu quero permanecer ( Profª Dora, julho de 2012).*

*Que ocorram mudanças de melhorias no espaço escolar já que estas crianças estão chegando mais cedo na escola, mais*

*capacitação profissional, diminuição de alunos por sala isso tudo seria muito bom para (profª Lia julho de 2012).*

Apesar de todas terem certeza de que esta é a profissão que querem para suas vidas, a maioria delas acha seu futuro como alfabetizadora incerto, pois não sabem se vão conseguir dar conta do que lhes é cobrado e principalmente, se no ano seguinte terão a oportunidade de escolher as turmas alfabetização no primeiro ciclo devido á competição interna pelo abono financeiro.

A quinta questão elaborada foi: *Quais os desafios que você está encontrando?*

*Os atuais profissionais da educação ao entrarem no sistema municipal de ensino se deparam com uma situação angustiante de exploração intelectual da criança. O termo usado pode parecer estranho, mas o fato é que a criança não possui mais nenhuma liberdade para ser criança. Com a supervalorização da aquisição de conteúdos, sobrecarrega-se o aluno e, sobrecarrega-se o professor. As aulas são desgastantes, a indisciplina é constante, devido ao excesso de atividades incumbidas ao aluno, tirando-lhe o tempo para brincar e até mesmo, conversar com os colegas e, não há tempo para o lúdico, aspecto relevante para o processo de ensino aprendizagem. O sistema de apostilamento aderido pelo município aprisiona a rotina das aulas, não sobrando tempo sequer para atividades nos cadernos e em comemoração às datas especiais. Uma aula que poderia ser mais bem aproveitada, estimulando-se o interesse da criança através do lúdico, de brincadeiras e outras formas diversificadas de ensino, não acontece, pois os excessos de conteúdos projetados para cada nível escolar sobrecarregam a carga horária e desgastam professor e alunos (Profª Ana, julho de 2012).*

Para se alfabetizar não é necessária uma cartilha, mas ao fazer uso da cartilha na alfabetização, esta certamente pode contribuir para promover a aprendizagem. Através das gravuras e do colorido contido nas cartilhas a atenção da criança pode ser desenvolvida, favorecendo o processo.. A professora que explora esses momentos para promover a aprendizagem pode conseguir cumprir sua função: alfabetizar. Mas, por outro lado, muitas professoras, ao adotar essa prática, prendem-se muito ao uso da cartilha, como único material circulante, ou se abstêm do trabalho com outros tipos e gêneros

de textos esquecendo que o processo de alfabetizar envolve a dinâmica social, ou seja, de que hoje é consenso que se alfabetiza inserido no letramento..

*Dentre os principais desafios encontrados, o principal é a escola não reconhecer que existem falhas em seu sistema de ensino. A preocupação com o índice do IDEB faz com que se passe a imagem de que se está desenvolvendo um bom trabalho. Quando é apresentado um aluno que não está alfabetizado no 5º ano, o problema é jogado de um lado para outro e a culpa acaba sendo da pobre criança que é vista com problemas na fala, marginalizada por ter vindo de outra região (Profª Bia, julho de 2012).*

Bia retrata o que acontece em muitas escolas do município de Foz do Iguaçu, sendo que se a escola tem um bom índice no IDEB (quer dizer que ali o ensino está acontecendo) e se por outro lado tiver um baixo índice (significa que a escola precisa trabalhar melhor com seus alunos e equipe), entretanto isso não condiz com a realidade, pois, a escola que tem um bom índice no IDEB é na maioria das vezes aquela cujo ensino é mecanicista, prepara o aluno para passar na prova e não para viver em sociedade.

*“É o 1º ano que trabalho com a alfabetização de crianças e acredito que os desafios serão muitos, pois sempre trabalhei com a alfabetização de adultos, contudo na alfabetização de adultos era a falta de motivação dos mesmos, o que acredito não encontrar com as crianças” (Profª. Cida, julho de 2012).*

*Os primeiros dias de aula, só inseguranças, porque não tem um ponto de partida, uma referencia. – Alfabetizar? Até que ponto pode-se avançar?... E durante o restante do ano mais desafios vão aparecendo (Profª Dora, julho de 2012).  
As questões de violência e limites articular isso com os conteúdos não é nada fáceis (Profª Lia, julho de 2012).*

A sexta pergunta foi *de que maneira você lida com os seus limites e seus desafios?*

*Ensinar uma criança a ler e escrever é realmente um grande desafio e, qualquer erro pode marcar o aluno por toda a sua vida, sendo necessário, portanto, muito cuidado e dedicação ao*

*se envolver neste processo. O professor, apesar do que o aluno pensa muitas vezes, não sabe de tudo e, frequentemente nos deparamos com situações difíceis para a qual não temos resposta no momento. O professor não é obrigado a saber, mas é de responsabilidade do bom professor procurar a solução e não desistir diante dos obstáculos. Acredito eu que ensinar e alfabetizar são processos que caminham melhor quando há uma boa relação entre professor e aluno. Relação esta, não de autoridade, mas de companheirismo. O aluno deve participar do processo e, não somente ser ouvinte. Não tenho como intenção dizer que assim será mais fácil para o professor, mas com certeza será mais fácil para o aluno que, para o professor deve ser o objetivo (Profª. Ana, julho de 2012).*

*Devido aos problemas já citados anteriormente, tenho buscado auxílio da equipe pedagógica, tanto da escola como da secretaria de educação, para que eu possa ser subsidiada de alguma forma, para assim poder atender com qualidade os alunos. Contudo, nem sempre conseguimos retorno adequado (Profª Bia, julho de 2012).*

*Apesar de não ter sido capacitada para trabalhar no 1º ano, não tenho dificuldades, pois tenho anos de experiência e consigo fazer as adaptações necessárias ( Profª Cida, julho de 2012).*

*Não tenho uma estratégia definida, procuro usar de tudo um pouco, porque em determinados momentos, serão necessários procurar vários caminhos, ou seja, várias estratégias. Quando uma não funciona, utilizamos outra (Prof Dora, julho de 2012).*

*Lido com esperança que tudo pode melhorar, sendo que um dia o ensino vai ter mais valor para a sociedade e nós professoras vamos ser reconhecidas pelo trabalho que fazemos todos os dias visando o crescimento do aluno como ser humano (Profª Lia, julho de 2012).*

Na última pergunta questionou-se sobre *Quais são os caminhos que você busca para conseguir alfabetizar cada vez mais cedo e quais teóricos te influenciaram?*

*Nós, professores, não temos muita autonomia com relação ao processo de alfabetização, assim como em qualquer outro nível de ensino das séries iniciais do Ensino Fundamental. A equipe de alfabetização da Secretaria Municipal de Educação direciona, acompanha e cobra, constantemente, o bom desenvolvimento do processo de alfabetização, de acordo com os encaminhamentos desta. Cabe ao professor apenas a questão metodológica da aula e, ainda de forma limitada, pois os alunos devem realizar semanalmente produções de frases e textos,*

*assim como leituras de 3 à 4 vezes por semana, obrigatoriamente no caderno de leitura, como se durante a aula e realização de atividades o aluno não tivesse a oportunidade de treinar a leitura. E, volto a lembrar de que, a metodologia de apostilamento proposta pela prefeitura do município não atua como apoio ao trabalho do professor, conforme o discurso, mas sim como uma garantia de que o professor trabalhe todos os conteúdos propostos. Com o intuito de conseguir alfabetizar cada vez mais cedo, busco relacionar a questão do ser criança ao processo de alfabetização, por meio de brincadeiras, brinquedos, jogos e aulas com materiais que despertem a intenção do aluno, de forma que este não perceba que muitas questões políticas, econômicas e sociais dependem do seu desenvolvimento enquanto aluno (Profª Ana, julho de 2012).*

*A interação entre os educandos e a professora, além de diversificar os materiais didáticos e os tipos de atividades (Profª. Cida, julho de 2012).*

A Profª. Cida não tem estratégias metodológicas definidas, procura utilizar recursos diversos, e quando não dá certo sua estratégia ela usa outra.

*“A mediação entre a criança e o seu objeto de conhecimento, ajudando, guiando, orientando, desafiando, apoiando, facilitando a conquista do significado e da compreensão de todas as hipóteses e ideias que os alunos venham a construir e formalizar sobre a escrita” (Profª. Dora, julho de 2012).*

Já a Profª. Lia usa a literatura e a ludicidade como forma de estratégia metodológica.

De acordo com as orientações gerais do Ensino Fundamental de nove anos:

Tudo isso deve acontecer num contexto em que cuidados e educação se realizem de modo prazeroso, lúdico. Nesta perspectiva, as brincadeiras espontâneas, o uso de materiais, os jogos, as danças e os cantos, as comidas e as roupas, as múltiplas formas de comunicação, de expressão, de criação e de movimento, o exercício de tarefas rotineiras do cotidiano e as experiências dirigidas que exigem que o conhecimento dos limites e alcances das ações das crianças e dos adultos estejam contemplados (BRASIL, 2004, p. 16).



Através da atividade lúdica, o aluno aprenderá brincando, de uma maneira agradável a explorar as possibilidades e de descobrir o mundo. Com isso proporcionará seu desenvolvimento e aprendizado. Brincando, as crianças interagem umas com as outras, desempenham papéis sociais, desenvolvem a imaginação, criatividade e capacidade motora e o raciocínio.

Busco sempre desenvolver um trabalho lúdico e diversificado que faça parte da realidade em que a criança esta inserida, auxiliar as crianças a ter um papel ativo no aprendizado. Utilizo os teóricos Paulo Freire, Piaget, Emília Ferreiro (Profª Lia, julho de 2012).

As professoras Cida Dora e Lia acreditam que uma boa interação entre professor e aluno ajudará nesse processo da alfabetização. Pode-se cogitar esta posição das professoras com o argumento:

A possibilidade de propiciar um ambiente de diálogo entre os alunos e de participar ativamente da sua aquisição e construção do conhecimento, fez com que eu percebesse que o aprendiz e eu fazemos parte de um processo amplo “de ensinar e aprender”, através do diálogo. (ALMEIDA, 2005, p.48)

Neste sentido, o diálogo é essencial para o desenvolvimento dos alunos, pois se o professor tiver a iniciativa e conduzir esse processo à aprendizagem ocorrerá de maneira tranquila e prazerosa para os alunos.

[...] esse processo acontece principalmente em encontros educativos, em que a sala de aula é o lugar formal por excelência. Nessa concepção, quão importante é o papel do professor! Na relação professor-aluno, ele não é o detentor de todo o saber, de toda a instrução. Mas o que ele sabe, deve colocar a serviço da busca de novos conhecimentos. (BATISTA, 2005, p.105-106)

Diante disso, o professor contribuirá para esse processo no sentido de que seus conhecimentos científicos e também de valores e princípios permita a ajudar o aluno a conviver com as diferenças e as individualidades.

É preciso salientar que ao longo da produção dos dados houve uma significativa diferença (devido na metodologia que utilizada como ferramenta

ouvir e captar o texto escrito) entre o discurso oral e o discurso escrito permitido para ser publicado. No discurso oral as falas foram mais emotivas e nos discursos escritos mais racionais, as palavras foram mais bem escolhidas.

### 3.3 REPENSANDO AS RELAÇÕES DE ENSINO PARA A ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

A formação do alfabetizador no Brasil aconteceu nas últimas décadas marcado pela atuação profissional, sendo a prática de ensino como disciplina na formação inicial apesar de necessária, insuficiente para o trabalho na alfabetização, pois, não dá a ver todas as relações e contradições da escola e da sala de aula (FONTANA e GUEDES-PINTO, 2005). Ser alfabetizador de crianças passa por rituais de iniciação para a constituição do ser professora.

Não somos apenas professores, mas um feixe de muitas condições e papéis sociais, memória de sentidos diversos. Nós, professoras, somos mulheres numa sociedade ainda patriarcal. Somos mães, mas também filhas, netas e irmãs e ainda esposas ou “tias”, “rainhas do lar”, companheiras. Somos brancas, não brancas, quase brancas, embranquecidas numa sociedade vincada pelo racismo (FONTANA, 2000, p.97).

Quando comecei a pensar no meu tema de pesquisa me deparei com as discussões sobre a implantação do ensino fundamental de nove anos. Muitas informações confusas, palavras de professores que defendiam e outros que repudiavam a ideia da implantação. Foi ao longo da produção desta pesquisa e partir deste contexto que surgiu a ideia de estudar e aprofundar sobre essa temática sob o ponto de vista dos docentes, tendo como recorte a questão da alfabetização no Ensino Fundamental de nove anos na perspectiva da professora e não do aluno.

As questões até aqui pautadas demonstraram que precisamos discutir a implantação do Ensino de nove anos e a alfabetização, principalmente ouvindo, descrevendo, observando, e analisando as questões na perspectiva dos docentes e retomar a discussão sobre o desenvolvimento destas crianças de seis anos (e em muitos casos de escolas particulares ou municípios vizinhos também as crianças de cinco anos) que agora deixam o espaço da Educação Infantil e passam a ingressar no nível de Ensino Fundamental.

Para subsidiar as minhas indagações e aprofundar esses conhecimentos foram estudados os documentos de orientações gerais e pedagógicas para a implantação do Ensino Fundamental de nove anos publicados pelo governo federal e estadual e estudados diferentes autores para o aporte teórico do eixo bibliográfico como: Brotto (2008), Demenech (2009), Mortatti (1994; 2011), Soares (1999; 2004), Paula (2011) e outros autores que apesar de não estarem citados aqui também tratam sobre este assunto.

Diante da realidade em que se encontra as professoras alfabetizadoras em relação a implantação e a transição do Ensino Fundamental de nove anos elaborei como problema a partir desta pesquisa: Quais as dificuldades e concepções encontradas pelas professoras da rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu, nessa primeira experiência com o Ensino Fundamental de Nove anos no que se refere à alfabetização?

Lendo as cinco professoras - relacionadas à alfabetização e por meio dos encontros presenciais tendo como suporte o instrumento do questionário distribuído - pude compreender que elas registram como principais dificuldades: falta de orientação pedagógica e administrativa para as professoras, tanto por parte da direção das escolas como com os demais órgãos envolvidos nessa proposta de implantação; professoras com dúvidas em relação ao desenvolvimento do trabalho pedagógico com essas crianças de cinco e seis anos de idade e a metodologia a ser aplicada em relação à alfabetização.

Pode-se compreender que essa primeira experiência está sendo um momento de tentativas, aplicação de algumas propostas, mas sabe-se que na

educação as tentativas metodológicas acontecem porém precisam ser pautadas em estudos, em busca teórica, a prática fundamentada na teoria.

Algumas professoras retrataram posições diversas sobre como lidar com esse novo aluno - que é uma criança de cinco ou seis anos - na sala de aula, desta forma, torna-se imprescindível uma formação continuada, pois essa nova etapa no Ensino Fundamental precisa desse novo olhar, com mais respeito e consideração, visto que são crianças que saíram da Educação Infantil e precisam de uma metodologia diferenciada, tendo o lúdico como base para só assim conseguir trabalhar com a parte teórica, pois a alfabetização não se baseia somente na leitura e escrita, ela vai além de palavras e textos. Temos que proporcionar para nossas crianças atividades que sejam prazerosas, atividades que as ajudem a elaborar os conceitos sobre a língua escrita e também sobre a matemática, as ciências e que façam relação com sua realidade familiar e cultural.

As dificuldades mais apontadas pelas professoras foram que os alunos do primeiro ano são imaturos para seguir algumas regras da escola crianças sem apoio dos pais, alunos carentes, problemas disciplinares e ainda sobre o currículo e os conhecimentos a serem trabalhados, e o dilema da dúvida se deveria ou não alfabetizar no primeiro ano. Essas dificuldades revelam que o recebimento das crianças completando seis anos no Ensino Fundamental ainda é uma adaptação, tanto da criança como da professora ao recebê-las no contexto escolar. Diferenciado daquele com ela estava acostumada ou até mesmo um contexto novo se for uma criança que nunca frequentou a Educação Infantil.

Algumas concepções das professoras revelaram que possuem estratégias definidas, procuram utilizar vários métodos, quando não funciona tal método começam outro, outras relataram que a interação entre educando e educador ajuda nessa nova etapa, pois o professor pode diversificar os materiais didáticos e suas atividades, e ainda, que a mediação da criança com o seu objeto de conhecimento e com o professor mediando, facilitará na conquista do

significado e da compreensão de todas as hipóteses e ideias que os alunos venham a construir e formalizar sobre a escrita.

Percebo através das falas e registros das professoras que devido à falta de orientação inicial, elas ficavam sem estratégias inovadoras e ou não conseguiam desenvolver a sua prática pedagógica na instituição.

Por fim, mas não menos importante, ficou a preocupação referente à ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração. A pesquisa evidenciou inconsistência na definição dos objetivos do primeiro ano de escolarização, ou seja, não há clareza acerca das habilidades que devem ser desenvolvidas nesse período e as escolas ainda não definiram tais pontos para serem seguidos, seja no prosseguimento dos anos seguintes com a heterogeneidade pedagógica entre as turmas de uma mesma série/ano. Acredita-se que uma das providências a serem tomadas a respeito desse fato é o investimento em formação continuada, focada na otimização teórico-prática no Ensino Fundamental de nove anos referente à alfabetização, a fim de subsidiar o trabalho dos educadores de maneira mais efetiva. Esforço-me em apontar as amplas relações da realidade em que se insere meu objeto de pesquisa com a necessidade de uma contínua investigação que pudesse me auxiliar no reconhecimento das contradições existentes nos processos de elaboração e implantação do Ensino Fundamental de nove anos e suas repercussões no campo da alfabetização.

### 3.4 UMA VISÃO PESSOAL SOBRE A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

Após ler sobre a implantação do Ensino Fundamental de nove anos e de ver, ouvir e ler o relato das professoras sobre esta nova realidade me senti na obrigação de colocar um pouco da minha vivência neste contexto de implantação, pois fui estagiária da rede municipal de ensino e vivi de perto todo

este angustiante processo. Sendo que esta angustia foi um dos motivos para estudar sobre a questão do professor alfabetizador no Ensino Fundamental de nove anos.

Na universidade enquanto acadêmica ouvíamos muito falar sobre as leis de implantação do Ensino Fundamental de nove anos, e meio que parava por aí, pois estávamos começando e nem entendíamos direito o que significava nem quais iriam ser os impactos causados na educação. Já na escola no ano de 2009 – pois nesta época eu era estagiaria de uma escola municipal de Foz do Iguaçu – as professoras estavam apavoradas, pois não sabia como lidariam com esta criança de cinco anos que entraria no primeiro ano e só ao longo do ano completaria seis anos de idade. Muitas não concordavam com esta implantação, outras eram a favor, mas na realidade ninguém entendia direito o que estava acontecendo, quais seriam as mudanças (no vai e vem das disputas jurídicas) e de que modo que isso interferiria na forma de dar aula de cada uma.

Os meses foram passando e a implantação começou, agora tínhamos na mesma escola o ensino de oito anos e iniciava-se o ensino de 9 anos, tínhamos segunda série e segundo ano e os dois eram diferentes, isso causou um nó na cabeça das professoras, pois agora que tinha mudado de série pra ano a forma de ensinar deveria mudar também, mais as professoras não sabiam como mudar esta forma de ensinar e ninguém as orientava também.

Nesta época eu trabalhava dando reforço um período e no outro como auxiliar de coordenação da escola, então quando faltava alguma professora era eu quem substituía. Desta maneira eu via de perto as diferenças de cada professora trabalhar: em um primeiro ano a professora os via ainda como na Educação Infantil então as rotinas eram lentas, as cobranças poucas, e o conteúdo também, ela trabalhava mais com o brincar; já na outra turma a professora via os pequeninos como a ex-primeira série e, portanto cobrava mais e a maioria na metade do ano letivo já estava começando a ler; as diferenças na forma de entender e trabalhar com Ensino Fundamental de nove anos eram muitas e dependiam de cada professora e das suas concepções..

No ano 2011 fui trabalhar como estagiária remunerada na Educação Infantil municipal e por lá as dúvidas eram as mesmas, fazendo com que muitas professoras (denominadas no concurso de educadoras) já iniciavam no maternal II que atende crianças de três anos o processo de alfabetização, sendo que as crianças desde o início do ano já tinham contato com o lápis e o caderno para escreverem e ao fim do ano já reconheciam a letra do nome e algumas já até mesmo escreviam o próprio nome. Da mesma forma acontecia com o pré-escolar que atendia crianças de quatro anos de idade, porém, com eles a cobrança era maior e ao final do ano todos já teriam que escrever seu próprio nome e reconhecer as letras do alfabeto.

Hoje, em 2014 a ponto concluir o curso da pós e ao finalizar minha pesquisa, muito mais madura e sendo professora de um Jardim II, ainda não sei dizer ao certo qual é melhor caminho para se trabalhar com a criança na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, também não sei se esta é uma opção individual, porém acredito que devemos sempre buscar o melhor caminho e utilizar os métodos que melhor se ajustam a turma para que desta forma o processo de alfabetização seja um desafio prazeroso para a criança que a faça crescer e sempre buscar mais conhecimento. Desta forma é necessário que a alfabetizadora tenha uma formação de qualidade e que esclareça suas dúvidas sobre o modo de trabalhar junto as decisões colegiadas de cada equipe escolar ao longo da transição no Ensino Fundamental de nove anos, pois temos constatado que há crianças e adolescentes que necessitam serem alfabetizados nas turmas do primeiro ao sexto ano!

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredita-se que esta pesquisa foi fundamental na própria formação como profissional da educação. Uma vez que refletindo sobre a inserção de crianças de cinco e seis anos no Ensino Fundamental e suas implicações, tanto políticas, administrativas e pedagógicas, quanto o desenvolvimento e respeito por essas crianças que agora se encontram no Ensino Fundamental, esforço-me em apontar as amplas relações da realidade em que se insere meu objeto de pesquisa sem me dispensar de uma contínua investigação que pudesse me auxiliar no reconhecimento das contradições existentes nos processos de elaboração e implantação do Ensino Fundamental de nove anos e suas repercussões no campo da alfabetização.

Cada parte destacada nas seções desse trabalho me colocou diante de conflitos históricos e pedagógicos que me conduz a aprofundar ainda mais meus estudos para tentar entender o processo de transição do Ensino Fundamental de nove anos e atuar nele de forma crítica e consciente. A compreensão dos muitos fatores que afetam esse processo educativo, em especial, a formação continuada de professores em atuação, requer um aprofundamento nas políticas públicas para uma melhoria do ensino em nosso país.

De cada aspecto, brevemente apresentado neste trabalho, posso afirmar que se trata de uma nova perspectiva que pode ser mais bem explorada por outros pesquisadores. No entanto, não posso deixar de registrar o esforço empregado durante a pesquisa, objetivando sempre a sistematização de conhecimentos que viessem colaborar com os debates acerca desta temática. Eles me levaram a reconhecer que ainda devemos continuar nesse estudo, sendo que o trabalho aqui apresentado não significa apenas a conclusão das análises das entrevistas das professoras e do objeto estudado, mas impõe uma necessidade de prosseguimento da pesquisa. Sei que a conclusão de um trabalho consiste em fornecer bases para a construção de um novo começo, a



partir da quais reflexões e serão construídas com novos olhares e partindo disto espero que este trabalho sirva de base para novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Norma Suely de Oliveira. **É possível aprender com o diálogo**. In: BERBEL, Neusi Ap<sup>a</sup>. Navas; GOMES, Daniel Fernando Matheus (Org.). Exercitando a reflexão com conversas de professores. Londrina: GRAFCEL, 2005. p .47-50.

ANDRE, Tamara Cardoso. **Uso do livro didático de alfabetização no primeiro ano do ensino fundamental em Foz do Iguaçu**: abordagem etnográfica. Tese (doutorado) Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2012.

BATISTA, Flavio Donizete. **Relação pedagógica a educação como um encontro**. In: BERBEL, Neusi Ap<sup>a</sup>. Navas; GOMES, Daniel Fernando Matheus. Exercitando a reflexão com conversas de professores. Londrina: GRAFCEL, 2005. P.103-107.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa, v. 2/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1998, 144p.

BRASIL-MEC-SEB. **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações gerais. Brasília, 2004.

BRASIL. Presidência da Republica. **Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001**: aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm)>. Acesso em: 13 jul. 2010.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 18 jul. 2010.

BRASIL. **Lei n. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**: ALTERA a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispendo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm)>. Acesso em: 18 jul. 2010.

BRANCO, Veronica. **O desafio da construção da educação integral**: formação continuada de professores alfabetizadores do município de Porecatu – Paraná. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. 219 p. Disponível em: [http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09\\_branco.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09_branco.pdf). Acesso em: 16/07/2012.

BROTTO, Ivete Janice de Oliveira. **Alfabetização:** um tema muitos sentidos. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. 238 p. Disponível em: [http://www.ppge.ufpr.br/teses/D08\\_brotto.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/D08_brotto.pdf). Acesso em: 16/07/2012.

COÊLHO, Ideu Moreira. **Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares: A Mudança Necessária** Revista Estudos nº 25. Brasília: ABMES - Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior, 2006. Disponível em: <[http://ww.abmes.org.br/Publicacoes/Revista\\_Estudos/estud25/Ideu.htm](http://ww.abmes.org.br/Publicacoes/Revista_Estudos/estud25/Ideu.htm)> Acesso em: 16/07/2012.

CORREA, Bianca Cristina. **Crianças Aos Seis Anos No Ensino Fundamental: Desafios À Garantia De Direitos** – FFCLRP / USP – bianca2cbr@yahoo.com.br GT: Educação de Criança de 0 a 6 anos / n. 07 agência Financiadora: Sem Financiamento.

DEMENECH, Flaviana, PAULA, Flávia Anastácio de **História da Alfabetização: Uma Resenha Descritiva Sobre As Tematizações, Normatizações E Concretizações Relacionadas Com O Ensino Da Leitura E Escrita.** 2009.

FRADE, Isabel. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. Santa Maria, v. 32 - n. 01, p. 21-40, 2007 **Educação**. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>. Acesso em: 16/07/2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa.** São Paulo: Paz E Terra, 1996.

FONTANA, Roseli Cação. Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora. **Cadernos Cedes**, ano XX, nº 50, Abril. 2000.

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p.797-818, out., 2006.

KRAMER, S.; NUNES, M. F. Gestão pública, formação e identidade de profissionais de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 131, p.423-454, ago., 2007.

LOPES, Karina Rizek, MENDES, Roseana Pereira, FARIA, Vitória Líbia Barreto de, (org.) **Livro de estudo: Módulo III** – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Formação de professores: currículo como forma de representação de um projeto.** Ideias, São Paulo, n. 26, p. 161-173, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MELO Elisabete Carvalho de. **A Escrita Da Prática Pedagógica Como Estratégia Metodológica De Formação**. In: IX Congresso Estadual Paulista Sobre Formação De Educadores; UNESP - Universidade Estadual Paulista - Pro-Reitoria De Graduação, São Paulo, 2007. 326 p. Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/ixcepfe/Arquivos%202007/9eixo.pdf>. Acessado em 16/07/2012.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 25, n. 1, 57-82, jan./jun.. 2007.

MORO, Catarina de Souza. **Ensino fundamental de 9 anos: o que dizem as professoras do 1º ano / Catarina de Souza Moro – Curitiba, 2009.**

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados**. Universidade Estadual Paulista - *Campus* de Marília, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Notas para uma história da formação do alfabetizador no Brasil**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 89, p. 467-476, 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo . **Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876-1994 (3a. reimp)**. 3a.. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008. v. 1. 372 p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **Atuação de professores: propostas para ação reflexiva no ensino fundamental**. 1. ed. Araraquara: J.M. Editora, 2003. v. 1. 110p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização (São Paulo -1876/1994) (1a. reimp)**. 1a.. ed. São Paulo; Brasília/DF: UNESP; MEC/INEP/COMPED, 2002. v. 1. 372 p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Perguntas ao professor que deseja ensinar a ler e escrever**. In: **Helena Amaral da Fontoura; Marco Silva**. (Org.). *Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões (Coleção ANPED SUDESTE 2011)*. 1 ed. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011, v. 1, p. 38-46.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. 1. ed. São Paulo; Marília: Cultura Acadêmica - Oficina Universitária, 2011. v. 1. 312 p.

PARANÁ. Lei estadual nº. 16049, de 19 de Fevereiro de 2009. Dispõe que terá direito à matrícula no 1º. Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, a criança que completar seis anos até o dia 31 de dezembro do ano em curso. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 fev.2009. Disponível em: <[www.legislacao.pr.gov.br](http://www.legislacao.pr.gov.br)>. Acesso em: 10. Mar.2011.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais**. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Educação 2010. Disponível em: <[http://www.diaadia.pr.gov.br/deb/arquivos/File/educacao\\_infantil/orientacoes\\_en\\_sino\\_noveanos.pdf](http://www.diaadia.pr.gov.br/deb/arquivos/File/educacao_infantil/orientacoes_en_sino_noveanos.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2012.

PAULA, Flavia Anastácio. **Alfabetização, ensino e atuação profissional: sentidos produzidos sobre o ensino fundamental de nove anos** Foz do Iguaçu. Unioeste. Projeto de pesquisa 2009-2011 (Concluído). Acesso restrito.

PAULA, Flavia Anastácio, DEMENECH, “Temos cinco anos, a implantação do Ensino Fundamental no oeste do Paraná **Revista Contrapontos - Eletrônica**, Vol. 11 - n. 2 - p. 152-160 / mai-ago 2011.

RICHARDSON, Roberto Jary et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999, p. 90.

ROLDÃO, M. C. Função docente: natureza e construção do conhecimento. Profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p.94-103, jan./abr., 2007.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola – uma perspectiva social**. 16 ed. São Paulo: Ática, 1999.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. In: \_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**. São Paulo. Contexto, 2004. p.13-21.

## QUESTIONÁRIO

- 1- O que é ser alfabetizadora na sua perspectiva? Quais os métodos de ensino que você utiliza?
- 2- Quais as dificuldades que você como professora está encontrando com a implantação do ensino de nove anos? E o que acha dessa implantação?
- 3- Como é sua turma em sala de aula e de que maneira você desempenha seu trabalho?
- 4- Quais são suas perspectivas para o seu futuro como alfabetizadora?
- 5- Quais os desafios que você está encontrando?
- 6- De que maneira você lida com os seus limites e seus desafios?
- 7- Quais são os caminhos que você busca para conseguir alfabetizar cada vez mais cedo e quais teóricos te influenciaram?